

QUARAR (OU QUANDO ME DESPRENDO DO MUNDO)

— GILBERTO ARAÚJO ROSA

Como a mãe ficara rodeando por ali desde cedo com seus afazeres no quintal, o menino não conseguiu escapar e o jeito foi brincar de voar, ali mesmo ao pé do abacateiro. É que tinha sonhado que voava num balão por cima da cidade. Acordou com essa ideia fixa de inventar sua máquina voadora. Mas mal soltou as rédeas da imaginação, a mãe com uma bacia cheia de roupa às voltas de uma rudia na cabeça, o convocou para ir com ela até a bica para ajudá-la com a roupa. Era dia de sol quente, de fazer a poeira da estrada latejar com o mormaço.

Muito a contragosto, o menino foi. Foi como quem resmungava com o pé, chutando pedras no caminho. Arrastava numa das mãos um balde vazio com uma barra de sabão de coco. Sabão de coco devia ser proibido, pensou enquanto rodava o sabão no fundo do balde. E se eu me distraísse e sentisse vontade de comer, pensando se tratar de doce e acabasse, com a gula, que me é próprio, dando uma bela de uma mordida naquela cocada? Concluiu que apesar de correr esse risco, mesmo sabendo que era sabão, embora o cheiro de coco, o inebriasse, ao ponto de fazê-lo se imaginar nessa situação, a chatice de ir acompanhar a mãe e saber que estaria como numa coleira sempre ao lado dela preso ao chão, o amolava mais e não teria com inventar nada.

A carranca estampada na cara do menino desanuviou-se, logo chegaram à bica. A água brotava das ranhuras da terra e se projetava pela canaleta, num eterno espichar de água cristalina, para beijar as pedras apinhadas no chão. A música perene desse momento hipnotiza, laça, puxa qualquer menino bicho híbrido, hídrico. Com um aceno de cabeça enquanto apumava a bacia de roupas na pedra, a mãe consentiu que se refrescasse com um balde de água fria.

A pele encarçou de vera. O menino assentou as ideias, se pôs de cócoras no alto da pedra e quarou vendo a mãe esfregar as roupas. Olha-

va-a e achava graça em sua quase dança de correr os braços pra cima e pra baixo, de torcer e sacudir no ar as camisas e lençóis. Espumas e bolhas de sabão passaram a brotar timidamente da bacia.

A primeira grande bolha em suspensão deu o estalo. O menino pulou da pedra e desapareceu entre os arbustos e pés de mamona que rodeavam um canto da bica.

Silêncio.

Voltou com dois canudos do talo da folha. Sacudiu a ponta do canudo na água da bacia. A mãe não ralhou. As bolhas voaram para o alto do morro. Achou graça também. Sorriu com o encantamento do filho a soprar planetas e luas pelo cosmo. A tarde ficou mais leve aquele dia e de certa forma ele inventou e pôde voar.

GILBERTO ARAÚJO ROSA – Conhecido sob o nome artístico Gil Miri, é ator, poeta, arte educador, editor, agitador e produtor cultural brasileiro. Iniciou sua atuação artística e cultural em Francisco Morato. É organizador e jurado do Concurso Nacional de Poesias Prof. Roberto Tonelotti, que em 2020 chegou à sua 10ª edição. Apresenta desde 2012, o Sarau CONPOEMA. Produz e realiza desde 2014, o “Zine Poesias do Front: A cidade Armada em Versos”, que já lançou mais de 60 poetas. Hoje também é professor de Artes na Prefeitura de São Paulo. Em 2018 lançou seu primeiro livro de forma independente, “Retalhos de um tempo brincante”, na Bienal do Livro de Guarulhos, na qual também realiza a palestra Brincadeira e Infância, a partir da experiência de seu primeiro livro. Participou de diversas feiras e concursos literários. Em 2019 participou da FLIM - Festa Literomusical de São José dos Campos com exposição do seu primeiro livro e da mesa literária: Entrelinhas e da Feira Literária Urupês – São Bernardo do Campo. Contato: gilberto@conpoema.org.br